

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA - LICENCIATURA

Fernando Santana

**VIVÊNCIAS NA EDUCAÇÃO ESCOLAR E NÃO ESCOLAR:
práticas inspiradas no diálogo**

Porto Alegre

1º Semestre

2018

Fernando Santana

**VIVÊNCIAS NA EDUCAÇÃO ESCOLAR E NÃO ESCOLAR:
práticas inspiradas no diálogo**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Karine dos Santos

Porto Alegre
1º Semestre
2018

Fernando Santana

**VIVÊNCIAS NA EDUCAÇÃO ESCOLAR E NÃO ESCOLAR:
práticas inspiradas no diálogo**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Aprovado em ____/____/____.

Profa. Dra. Karine Santos – Orientadora – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Profa. Dra. Carmem Maria Craidy – Examinadora – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Profa. Dra. Aline Cunha – Examinadora – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

AGRADECIMENTOS

Ao encerrar mais essa grande etapa da minha vida, gostaria de agradecer a toda minha família, em especial à minha mãe, Júlia de Bittencourt Sampaio e ao meu Pai, Heraldo Santana, que, apesar de todas as dificuldades, não pouparam esforços para me dar educação.

À minha esposa, Patrícia Espíndola Vicente e a toda a sua família, pela maneira carinhosa que me acolheram e me apoiaram.

Aos educandos, que também me educaram e seguem me educando durante os processos pedagógicos vivenciados.

À Carmem Maria Craidy, Professora desta Universidade, por ter me convidado para trabalhar no PPSC/UFRGS, por ter me acolhido e sido uma ótima amiga e uma ótima professora.

À minha coordenadora no PPSC/UFRGS, Magda Martins de Oliveira, pelo seu companheirismo em todos os momentos e pelos aprendizados que tive com essa grande profissional. Aproveito a figura dela para abraçar a todos que passaram pelo programa.

À minha orientadora, professora Karine Santos, pela paciência de entender a minha imaturidade quanto aluno de graduação e pelas palavras de incentivo. Obrigado pela confiança!

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que foi um lugar de segurança e aprendizado e, através do seu corpo técnico e de alunos, acolheu-me tão bem.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para a minha formação, fica o meu muito obrigado!

*Apesar de a escola ter muitos problemas,
ela ainda é um lugar de esperança.
(CRAIDY, 2014).*

RESUMO

O presente estudo é resultado do Trabalho de Conclusão de Curso, do Curso de Licenciatura em Pedagogia, da UFRGS (2018/1). O Objetivo deste trabalho é fazer uma reflexão teórica sobre duas experiências vivenciadas em ambiente escolar, fruto do estágio obrigatório do curso, e outra em ambiente não escolar, fruto de um trabalho realizado como bolsista da Universidade, no Programa de Prestação de Serviços à Comunidade, da UFRGS (PPSC/UFRGS), no qual acompanhei adolescentes que cumpriam medida de prestação de serviço à comunidade. Para a reflexão teórica, descrevo sobre a importância do diálogo, apoiado em Paulo Freire, principalmente em seu livro Pedagogia do Oprimido. Defendo que, para acontecer o diálogo, é preciso que o educador escute o educando e o coloque no centro do processo, gerando uma relação horizontal, em que educador e educando consigam juntos construir um conhecimento. Negar o diálogo é negar a humanidade do sujeito, porque, segundo Freire, o diálogo é algo inerente à condição humana. Finalizo afirmando que, para reconhecer a importância do diálogo, é necessária uma profunda fé nos homens. Após análise, considero o diálogo como algo essencial na educação, assim como o amor ao ser humano.

Palavras-chave: Diálogo. Paulo Freire. Educação Escolar. Educação Não Escolar.

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO	8
1.1	OBJETIVO GERAL.....	9
1.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	10
1.3	UM POUCO SOBRE O PPSC/UFRGS.....	11
1.4	A ESCOLA, A EJA E O ESTÁGIO OBRIGATÓRIO DA PEDAGOGIA	12
2	A EDUCAÇÃO E SUA IMPORTÂNCIA: princípios pedagógicos à luz de Paulo Freire	14
3	O DIÁLOGO EM FREIRE E SUA IMPORTÂNCIA NA EDUCAÇÃO	19
4	EXPERIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO ESCOLAR E NÃO ESCOLAR SOB A LUZ DO DIÁLOGO	23
4.1	A ESCOLA: refletindo sobre a realidade para construir aprendizagens	24
4.1.1.	Bel e o MC G15	25
4.1.2.	Diguinho, sexo, drogas e Funk AndRoll	26
4.2	DAS EXPERIÊNCIAS NÃO ESCOLARES: nove anos no acompanhamento de adolescentes em conflito com a lei	29
4.3	REFLETINDO SOBRE A PRÁTICA.....	33
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
	REFERÊNCIAS	37

1 APRESENTAÇÃO

Este trabalho tem por objetivo analisar o diálogo, na concepção de Paulo Freire, buscando destacar a importância do mesmo no processo educativo, em uma experiência escolar e em uma experiência não escolar¹. A pergunta que persistia: É possível encontrar no diálogo um fundamento educativo que possa servir de base para as práticas educativas em espaços escolares e não escolares?

Analisar o diálogo na relação educativa como possibilidade ontológica e metodológica do ato de ensinar e aprender em diferentes espaços é uma aposta que faço, dado o meu contexto de formação acadêmica, por meio da extensão universitária na qual me inseri por quase nove anos. O investimento na relação dialógica entre educador e educando, no espaço citado, foi construído e compartilhado coletivamente e me proporcionou acreditar na premissa de que não há processo educativo que faça sentido sem o diálogo. Essa afirmativa é reflexo da construção da minha práxis como educador no acompanhamento de adolescentes, em que o adolescente é o centro do processo. Sendo ele o centro do processo, é algo da natureza lógica escutá-lo. Sendo eu um educador, buscando além de escutar, construir um conhecimento em conjunto com esse adolescente, que me lanço a refletir sobre o diálogo, procurando problematizar como ele favorece a aprendizagem mútua entre educador e educando.

Na experiência do estágio obrigatório na EJA, percebo que a relação dialógica, que eu tanto havia exercitado, não se fazia presente. Não foram raras as vezes em que, nos momentos de observação pré-estágio, a voz dos estudantes não ecoava. Uma sensação de incômodo foi ocupando o meu pensar estagiário. E foi logo nos primeiros contatos com os estudantes, tomado pela sensação de incômodo, que busquei entender como eu poderia fazer com que o tempo de aula fosse mais significativo para os estudantes. Assim, adotei a prática de escutá-los, aproximar-me deles, olhar para eles, fazer atividades juntos. Isso fez com que surgissem assuntos, questões que muitas vezes não apareciam, questões que são tanto de ordem do conteúdo escolar, como saber ler e escrever ou saber realizar alguma operação matemática, até questões

¹Entendo por espaços educativos não escolares, práticas diversificadas de educação que ocorrem em diferentes espaços, cuja organização se dá de forma autônoma, mas com objetivos a serem alcançados.

de ordem pessoal/social, como o uso de drogas, sexualidade, projetos de vida e visões sobre o mundo. Todo esse conjunto entendo como parte do processo educativo.

Para tanto, no presente estudo, desenvolvo três capítulos que se complementam. No capítulo 2, Educação e sua importância: princípios pedagógicos à luz de Freire, discuto a importância da educação e apresento os princípios que orientam a minha ação pedagógica. No capítulo 3, Diálogo em Freire e sua importância na educação, é onde, à luz de Freire, apresento e faço a análise do conceito do diálogo na educação. No capítulo 4, Experiências de educação escolar e não escolar sob a luz da escuta e do diálogo, é onde trago toda essa reflexão teórica vivenciada em duas práticas, uma em educação escolar e uma em educação não escolar.

Para a experiência de educação escolar, como já mencionado, utilizei o meu estágio obrigatório do sétimo semestre, do curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Estágio esse em que assumi a regência de uma turma da totalidade três da EJA (Educação de Jovens e adultos), em uma escola pública do Município de Porto Alegre, localizada em uma região periférica da cidade. Para o relato dessa experiência, me vali das observações, dos relatórios de estágio e das atividades desenvolvidas em sala de aula com os alunos. Como experiência não escolar, utilizo uma passagem de um atendimento realizado no período como bolsista de extensão acompanhando adolescentes autores de atos infracionais, durante a execução de uma medida socioeducativa de Prestação de Serviço à Comunidade (PSC). Para resgatar esse histórico, busquei dados nos registros escritos e arquivados no banco de dados do PPSC/UFRGS.

1.1 OBJETIVO GERAL

Analisar o diálogo, na concepção de Paulo Freire, procurando destacar a importância do mesmo no processo educativo.

1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Refletir sobre a dimensão do diálogo em dois espaços educativos - escolar e não escolar;
- Analisar o papel do educador no processo de aprendizagem, objetivando qualificar o trabalho do mesmo;
- Contribuir no debate sobre os princípios pedagógicos dialógicos, a partir de Freire.

Metodologicamente, optei por realizar uma análise de momentos vividos, tanto no espaço da escola, quanto no PPSC aqui localizado, enquanto um espaço educativo não escolar, à luz dos estudos de Paulo Freire. Apostando em que as diferenças dos espaços educativos escolhidos pudessem favorecer a percepção de que os mesmos preceitos pedagógicos podem ser usados em diferentes espaços de educação.

1.3 UM POUCO SOBRE O PPSC/UFRGS

O PPSC é um Programa de ensino, pesquisa e extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Ao mesmo tempo, é também unidade de execução da medida socioeducativa de meio aberto de Prestação de Serviços à Comunidade (PAC). Ele oferece um ambiente acolhedor, no qual a qualidade das relações humanas é valorizada. O programa é constituído por pessoas ligadas à UFRGS, professores, técnicos, residentes em saúde mental coletiva e bolsistas de graduação e pós-graduação. Atualmente, o Programa é coordenado pela técnica em Assuntos Educacionais, Magda Martins de Oliveira.

O Programa teve início em abril de 1997. A Universidade Federal do Rio Grande do Sul assinou convênio com a 3ª Vara do Juizado da Infância e da Juventude de Porto Alegre, objetivando o recebimento de adolescentes autores de ato infracional, para o cumprimento da medida socioeducativa de prestação de serviços à comunidade.

Não escolhemos este tema. Ele se impôs a nós. Não temos a ilusão de tentar resolvê-lo, nem do ponto de vista teórico nem do ponto de vista da realidade que nos cerca ou dos esforços educativos que desenvolvemos. Move-nos a busca de melhor compreender para melhor agir, de dar uma contribuição, mesmo que não definitiva. De avançar, de sair do lugar de espectador ou de cidadão perplexo e cheio de medos. (CRAIDY; GONÇALVES, 2005, p.11).

Conforme descreve o artigo 117 do Estatuto da Criança e do Adolescente

A prestação de serviços comunitários consiste na realização de tarefas gratuitas de interesse geral, por período não excedente a seis meses, junto a entidades assistenciais, hospitais, escolas e outros estabelecimentos congêneres, bem como em programas comunitários ou governamentais.

Parágrafo único: As tarefas serão atribuídas conforme as aptidões do adolescente, devendo ser cumpridas durante jornada máxima de oito horas semanais, aos sábados, domingos e feriados ou em dias úteis, de modo a não prejudicar a frequência à escola ou à jornada normal de trabalho. (LEI FEDERAL Nº 8.060/1990).

Os objetivos do Programa são:

- Oportunizar que adolescentes em PSC vivenciem uma experiência positiva de trabalho e de relações humanas;
- Orientar os adolescentes e tentar ajudá-los a superar os problemas que os levaram a cometer atos infracionais;
- Motivar e orientar os adolescentes em PSC para que retornem, quando for o caso, para a escola;

- Encaminhar os adolescentes em PSC a serviços especializados da rede pública, sempre que necessário;
- Gerar na vida cotidiana da Universidade um novo olhar sobre a problemática do adolescente autor de ato infracional, sobre a violência e sobre a exclusão social;
- Desenvolver pesquisas que caracterizem a problemática vivida por esses adolescentes e que possibilitem avanços na construção de uma pedagogia voltada a essa problemática. (CRAIDY; GONÇALVES, 2005, p.16).

Os objetivos do Programa nos orientam em que direção ele caminha. Dos seis objetivos apresentados, todos têm a palavra adolescentes, ou seja, fica claro quem está no centro dos processos e, estando os adolescentes no centro do processo, parece relevante pensar na importância da escuta e no diálogo no processo educativo desse programa.

1.4 A ESCOLA, A EJA E O ESTÁGIO OBRIGATÓRIO DA PEDAGOGIA

No sétimo semestre do curso de Pedagogia da UFRGS, o aluno tem que fazer uma opção sobre a sua prática, deve escolher se irá estagiar na Educação Infantil, nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental regular, ou na modalidade EJA. Não tive dúvidas, pois há bastante tempo vislumbrava a oportunidade de trabalhar na EJA, porque era o mais próximo do público que eu já trabalhava, adolescentes em conflito com lei. Além disso, é um espaço de luta e de garantia de direitos, visando proporcionar a escolarização para quem não teve na idade “certa”.

Escolhi uma escola da periferia de Porto Alegre para fazer meu estágio por três razões: 1. a primeira razão foi que eu já vinha trabalhando com a região, através do PPSC, na execução de medidas socioeducativas. Então, além de conhecer o bairro, era também um compromisso; 2. Outra razão é que moro no bairro, o que reforça esse compromisso e; 3. A terceira razão é que é uma região violenta. Somente de homicídios, foram registrados 179 casos, de 2011 até 2017, sendo que, somente em 2017, foram 24 homicídios². É uma das principais ferramentas para combater a violência acredito ser a Educação.

²Fonte:<http://especiais.zh.clicrbs.com.br/especiais/raio-x-da-violencia>.

Quando iniciei meu estágio na totalidade 3, constavam na chamada 35 estudantes. Contudo, no início do semestre, havia nove estudantes que frequentavam a aula, e, no final do semestre, havia apenas quatro, que em sua maioria não eram os mesmos que haviam ingressado no início do ano letivo. Isso é uma constante nas classes de EJA, pois há um precedente para o ingresso a qualquer momento. O perfil dos estudantes era bastante variado, seja pela faixa etária, que variava dos 15 aos 65 anos de idade, até mesmo nas capacidades de leitura e escrita. Havia estudantes que variavam do nível pré-silábicos até o nível alfabético e alguns com necessidades especiais.

Dentro disso, tracei um planejamento onde eles pudessem pensar sobre si mesmos, sobre a escola que estudam, sobre seu bairro e sobre sua cidade, pensando que cada aula deveria começar e terminar no mesmo dia. Tendo em vista que não sabia se os veria novamente e nem quando os veria, cada aula tinha que começar e terminar no mesmo dia, uma espécie de aula/oficina. Entretanto, para que eles ficassem com algo registrado da aula, no final de cada aula, pedia a eles que escolhessem uma palavra sobre o que trabalharam. A partir dessas palavras, fazíamos um resumo do que havia sido visto em aula. Esse resumo era relido no início da próxima aula, com o objetivo de lembrar o que foi visto por quem estava em aula e inteirar quem não estava. Essa estratégia levava em conta aquele estudante que não havia comparecido, mas também mantinha uma sequência para quem estava em aula no dia anterior. Entretanto, o objetivo maior era o diálogo com esses alunos, para que seguissemos construindo conhecimentos que favoreçam a ação e reflexão sobre o mundo.

2 A EDUCAÇÃO E SUA IMPORTÂNCIA: princípios pedagógicos à luz de freire

Esse capítulo tem por objetivo fazer uma análise da educação, utilizando como autor base Paulo Freire, além de destacar os princípios pedagógicos utilizados nas práticas educativas apresentadas.

Quando estamos falando de educação, devemos lembrar que não é um conceito único. O que podemos pensar de antemão é que, além de existirem várias educações, ninguém escapa dela.

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. (BRANDÃO, 1981, p.3).

É a presença da educação na vida de todos que faz com que as pessoas se sintam convocadas a falar sobre, o que gera um campo de disputa teórica, prática e política.

Dentro dessas questões é que trago Freire porque ele aposta em uma educação com intencionalidade na transformação social e na emancipação do sujeito. Freire defende a educação como prática capaz de humanizar os sujeitos, dar voz a eles. Por isso, a pedagogia que Freire defende deve ser construída pelos próprios sujeitos, sujeitos que usaram essa pedagogia como fonte de sua libertação, pois, para o autor, ninguém sabe melhor o peso da falta de liberdade, do que justamente aquele que não a tem. Quem oprime não enxerga o real sentido da libertação e acaba gerando práticas que acredita ser libertadora, mas como não sabe a realidade de quem oprime e não escuta essas pessoas, acredita que, através de suas ações, promove a libertação. Em uma nota de rodapé do livro Pedagogia do Oprimido, Freire exemplifica essa questão:

Talvez dêsmolas. Mas, de onde as tiras, senão de tuas rapinas cruéis, do sofrimento, das lágrimas, dos suspiros? Se o pobre soubesse de onde vem o teu óbulo, ele o recusaria porque teria a impressão de morder a carne de seus irmãos e de sugar o sangue de seu próximo. Ele te diria estas palavras corajosas: não sacies a minha sede com as lágrimas de meus irmãos. Não dê ao pobre o pão endurecido com os soluços de meus companheiros de miséria. Devolve a teu semelhante aquilo que reclamaste e eu te serei muito grato. De que vale consolar um pobre, se tu fazes outros cem? (FREIRE, 1987, p.16).

É sobre essa posição que vou construir a base para este trabalho de conclusão de curso e trazer seguinte questão: qual a função da educação?

Para Freire, a educação é uma forma de intervenção no mundo,

Intervenção que, além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos, implica tanto o esforço de reprodução da ideologia dominante quanto o seu desmascaramento. Dialética e contraditória, não poderia ser a educação só uma ou só a outra dessas coisas. Nem apenas reprodutora nem apenas desmascaradora da ideologia dominante. (FREIRE, 1996, p.38).

Ou seja, para Freire, a função da educação é de luta política. Não basta que a educação simplesmente reproduza conteúdos, é preciso que ela seja usada a favor da emancipação do sujeito, se valendo da práxis, que é a interação da ação e da reflexão. Para Freire, somente a ação é um ato de ativismo. Quem não reflete sobre o que faz está mais longe do real sentido da educação. Da mesma forma que somente reflete, fica fadado ao verbalismo, a um discurso que não faz sentido e, como relata Freire, vira um *blabláblá*. Então, Freire trata tanto a reflexão como a ação como solidários, ou seja, quando os dois estão dissociados, estamos mais longe da verdade. Considerando isso, qual seria o compromisso do profissional da educação?

O compromisso da educação é o compromisso com o desenvolvimento humano. O desenvolvimento humano é o termo que usamos quando um ser humano consegue evoluir. Muitos processos educativos veem que evolução é quando uma pessoa atinge um determinado padrão/modelo, que seria o ideal para o ser humano. A educação que defendo e trago neste trabalho é uma educação que não tem um ideal a ser seguido, no sentido de modelo, ou seja, cada pessoa é única, então o desenvolvimento humano é baseado na capacidade que um indivíduo tem de melhorar em relação a si mesmo. É esse processo de mudar em relação a si mesmo que defendo por aprendizagem. É através da educação que aprendemos e através da aprendizagem que conseguimos evoluir em relação a nós mesmos.

Busco nas minhas memórias como bolsista no PPSC um exemplo que poderá ajudar a pensar nesse aspecto. Certa vez, quando junto ao meu colega Alex Vidal, por ocasião de um curso de áudio e vídeo para adolescentes, em uma saída de campo, uma adolescente, cujo perfil demonstrava dificuldades com a relação à autoridade entre educador e educando, fez a ação de jogar um papel no chão, quando estávamos atravessando um conhecido Parque de Porto Alegre. Ao perceber o ato, que ocorreu

em questão de segundos, hesitei por alguns minutos, procurando refletir sobre a melhor forma de intervir naquela situação. Sabendo que a adolescente tinha dificuldade com a relação de autoridade, se eu ousasse chamar a sua atenção, ela poderia revidar. O meu propósito enquanto educador era poder interferir de alguma forma que produzisse uma aprendizagem. Rapidamente eu tive a ideia de não dizer uma palavra sequer. Apertei o passo, juntei o que ela havia jogado no chão, sem olhar para ela, mas sabendo que ela estava me olhando, virei as costas e me dirigi até a lata de lixo. No mesmo instante, ela me indagou: “- o quê tu vai fazer?”, e eu respondi “-vou jogar no lixo!” Ela arregalou os olhos, disse não e tomou o lixo das minhas mãos, tomando a atitude de colocá-lo na lixeira. Sem nenhuma discussão sobre o ocorrido, seguimos nosso caminho com o grupo, como se nada tivesse acontecido. Porém, enquanto eu caminhava, ia sendo tomado por um ar de satisfação, com a sensação de dever cumprido. Acreditei que, a partir desse episódio seria difícil a jovem ao menos não pensar que ao ter algo que se possa descartar em suas mãos, ao menos ela tenha duas possibilidades, jogar no chão ou na lixeira.

Essa percepção de educação eu busco em Paulo Freire, que trabalha com a educação como prática de liberdade, trazendo a ação de educar como um ato político. Expressões freirianas como “*Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo*” vão nessa linha de educação como política que visa à transformação social. Pois isso parece ser razoável de se pensar, tendo em vista que a sociedade é a composição de várias pessoas. Logo, a principal matéria prima para ter um mundo melhor é termos pessoas melhores, porém esse fato nem sempre é claro para todos.

Apesar de existirem diferentes locais que a educação acontece, existe um local que a sociedade construiu e que o lugar onde se espera que tenha excelência. Esse lugar se chama escola. A escola é uma instituição na qual passamos muito anos da nossa vida em busca de uma educação e de um desenvolvimento como pessoa, apesar de existirem visões reducionistas sobre a função da escola. Certa vez, ao adentrar em uma escola pública, vi a seguinte frase: “Essa escola ensina conteúdos, as crianças devem vir educadas de casa”. Ora, que função tem uma escola, senão a de educar? Os conteúdos escolares não têm sentido em si mesmos, eles não podem ser os objetivos

de uma escola. Os conteúdos são ferramentas que nós utilizamos na vida, mas não têm função em si mesmos. Fazendo uma analogia com o que entendemos como ferramenta, pensemos em um martelo. O martelo não tem sentido nele mesmo, seu sentido é de martelar, com objetivo de construir ou destruir algo, ele é um meio e não um fim. O mesmo ocorre com um conteúdo, o aluno aprende determinado conteúdo, para que ele, de posse daquele conteúdo, possa se desenvolver, resolver questões, aprender mais sobre si mesmo, sobre as outras pessoas e sobre o mundo.

Freire, em seu livro *Pedagogia do Oprimido*, vai defender que a educação ocorre na relação entre quem educa e o educando, e que ninguém ensina diretamente a ninguém - “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (Freire, 1987, p,39). E que esse diálogo sirva para melhorar a condição de todos os homens, pois, para Freire, para educar alguém é preciso amor.

Com esses precedentes, proponho pensar uma educação que tenha por finalidade ela mesma, ou seja, a educação não precisa de justificativas para sua existência, ela mesma se justifica pela sua natureza de melhoria da condição humana.

Outro fator que parece contribuir para a educação é o currículo integrado defendido por Jurjo Torres Santomé (1998). O autor espera que a interdisciplinaridade impere e se converta em uma nova linguagem da educação, desfragmentando o conhecimento e valorizando no currículo questões sociais e problemas dos cotidianos dos alunos. Em consonância com o autor Santomé, José Gimeno Sacristán (2005) coloca a importância da intencionalidade do currículo, que deve primar pela qualidade da aprendizagem antes da qualidade do ensino. Pensando nesses autores, tento imaginar a possibilidade de que cada dia letivo pudesse ser encarado como uma “formatura”, ou seja, o aluno conseguisse sair com um aprendizado novo cada vez que saísse da escola. Como se cada final de dia letivo pudesse ser como um final de ano letivo, apostando sempre que a aprendizagem ocorre de dentro para fora e não o contrário. Quem aprende é o indivíduo através de um processo de reflexão interno e não pela educação bancária, que se preocupa, segundo Freire, em narrar os conteúdos, sem relacioná-los com a realidade. Talvez por esse tipo de concepção de educação, temos presenciado processos educativos em que somente uma pessoa fala,

e as outras escutam. A pessoa que fala acredita que está ensinando para quem escuta, através de transmissão, mas o que muitas vezes chega no educando são palavras sem sentidos e deslocadas da realidade; e quem fala e não escuta perde a chance de aprender com os seus “escutadores”.

Apoiado nessa reflexão, os seguintes princípios orientam as práticas educativas presentes neste trabalho:

- Compreender a educação como finalidade nela mesma, sem que sejam necessárias outras justificativas;
- Ter a compreensão da aprendizagem como processo interno de cada indivíduo.
- Valorizar a autonomia dos alunos no processo de aprendizagem;
- Incentivar o amor ao próximo, ao meio ambiente e a si mesmo;
- Todos podem aprender, independente das suas limitações;
- Todo ser humano gosta de aprender;
- Ninguém ensina ninguém, as pessoas aprendem juntas, sendo mediadas pelo mundo.

Apresento esses princípios, pois, como defende Freire a educação não é neutra, portanto, é de bom tom que se apresente em que princípios se baseia cada prática, para que fique claro para as pessoas o caminho que pretende seguir e porque determinadas práticas são adotadas.

3 O DIÁLOGO EM FREIRE E SUA IMPORTÂNCIA NA EDUCAÇÃO

De todos os sentidos, o mais importante para a aprendizagem do amor, do viver juntos e da cidadania é a audição. (Rubem Alves, 2004).

Neste capítulo, pretendo aprofundar os estudos em Freire, destacando o conceito de diálogo e sua importância na aprendizagem. O autor aponta o diálogo como algo inerente ao ser humano, negar a possibilidade de dialogar é negar a humanidade de uma pessoa, por isso esse conceito é tão importante. Freire não abre mão dele no processo educativo e, apesar dessa palavra ser bastante utilizada, ela é aplicada muitas vezes como uma técnica, Freire pensa diferente disso.

Penso que deveríamos entender o “diálogo” não como uma técnica apenas que podemos usar para conseguir obter alguns resultados. Também não podemos, não devemos entender o diálogo como uma tática que usamos para fazer dos alunos nossos amigos. Isto faria do diálogo uma técnica para a manipulação, em vez de iluminação. Ao contrário, o diálogo deve ser entendido como algo que faz parte da própria natureza histórica dos seres humanos. É parte de nosso progresso histórico, do caminho para nos tornarmos seres humanos. (FREIRE, 1986, p.64).

Percebendo o diálogo como algo próprio da natureza humana, o educador passa a encarar o educando como alguém que tem a capacidade de construir conhecimento e é desse modo que ele aprende e não por narração do educador. Ou seja, não é pela passividade da escuta que se dá a aprendizagem, mas sim no diálogo com o educando, pensando nas relações que o mundo apresenta, que vai sendo gerado o conhecimento e sua apropriação.

Freire diz que “saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. O professor aberto às indagações dos alunos e a curiosidade. (FREIRE, 1996, p.52).

Pois bem, esse processo consiste em partir de um conhecimento prévio do educando. Porém como partir de algo que o educador não conhece? Para isso é preciso escutar, e, quando uma pessoa tem o que dizer, não há quem a cale,

Quando é verdadeira, quando nasce da necessidade de dizer, a voz humana não encontra quem a detenha. Se lhe negam a boca, ele fala pelas mãos, ou pelos olhos, ou pelos poros, ou por onde for. Porque todos, todos, têm algo a dizer aos outros, alguma coisa, alguma palavra que merece ser celebrada ou perdoada. (GALEANO, 2003, p.23).

Parece algo fácil de se fazer, entretanto o primeiro ato para escutarmos alguém é o silêncio. Muitas vezes, escutamos somente aquilo que nos interessa ou combina com o que já pensamos, isso não é escutar. Quando estamos conversando, temos o hábito de emendar o assunto que estamos escutando, com algo da nossa linha de pensamento, nosso objetivo é de livrar o nosso ouvido de escutar o outro. Um exemplo disso é quando alguém nos conta um caso ocorrido consigo, usualmente utilizamos as expressões: “já aconteceu comigo”, ao invés de escutarmos a experiência de quem nos relata. Para escutar alguém é preciso que, de alguma forma, eu zere meus pensamentos. Para escutar, é preciso de silêncio:

Para escutar como se deve, para que a alma acolha a palavra que lhe é endereçada, é fundamental uma economia dos gestos e palavras, um silêncio ativo e um certo recolhimento, que se opõem à tagarelice. (ARANTES, 2012, p.92).

Além do silêncio, é preciso ter empatia e não julgar moralmente. O autor Humberto Mariotti, em seu texto *Diálogo: um método de Reflexão conjunta e observação compartilhada da experiência*, apresenta o conceito que ele denomina de *automatismo concordo-discordo*, que diz que não sabemos ouvir e, quando alguém fala, logo começamos a relacionar o que está sendo dito com o que temos de conhecimento prévio, sem mesmo escutar até o final o que estão nos dizendo, concordando ou discordando do que a pessoa está falando, É esse processo que Humberto Mariotti chama de *automatismo concordo-discordo*. Quando um educador aposta no diálogo ele procura ampliar a discussão a partir da visão do educando. Pensemos no fato de quando um educando nos fala que gosta de usar uma determinada droga ilícita, nosso primeiro impulso é dizer que ele não pode usar, que é errado, que prejudica a saúde, que é um crime e que ele deve parar porque é ruim. Isso, além de ser um julgamento moral, é uma visão de educação bancária, criticada por Paulo Freire, entendemos que, com as nossas sentenças, faremos a transformação do sujeito dentro do nosso modo de pensar. Na forma dialogal defendida por Humberto Mariotti, o assunto discutido não pretende chegar a um consenso, mas ampliar a visão inicial que se tem sobre

determinado assunto para o surgimento de novas ideias. Para melhor exemplificar, vou me valer da sinopse construída por Humberto Mariotti:

Figura 1 – Sinopse construída por Humberto Mariotti

Diálogo	Discussão/debate
Visa abrir questões	Visa fechar questões
Visa mostrar	Visa convencer
Visa estabelecer relações	Visa demarcar posições
Visa compartilhar idéia	Visa defender idéias
Visa questionar e aprender	Visa persuadir e ensinar
Visa compreender	Visa explicar
Vê a interação partes/ todo	Visa as partes em separado
Faz emergir idéias	Descarta as idéias “vencidas”
Busca a pluralidade de idéias	Busca acordos

Fonte: Mariotti (2001, p.3).

É essa visão de diálogo que imagino ser útil à educação, deixando claro que o quadro, assim como explica o autor em seu texto, não tem por objetivo desqualificar a discussão/debate, nem mesmo diminuir a sua importância, sabendo que por muitas vezes, ela se faz necessária. O que defendo é que, através da escuta e do diálogo, o educador pode contribuir com o desenvolvimento do educando, a escuta é algo que aproxima as pessoas da realidade, e o diálogo é a ferramenta usada para refletir sobre a realidade. Essa relação entre a ação e a reflexão é que Paulo Freire vai chamar de palavra verdadeira, pois a simples ação é um ativismo, e a reflexão sem relacionar com a realidade se torna um discurso vazio, e a palavra perde seu sentido de transformação do mundo e das pessoas.

Seguindo essa lógica, o esquema abaixo nos ajuda a compreender melhor o que defendo:

$$\begin{array}{c} \text{Escuta (uma forma de se aproximar da realidade)} \\ + \\ \text{Diálogo (uma forma de refletir sobre a realidade)} \\ = \\ \text{A aprendizagem} \\ = \\ \text{Desenvolvimento humano (educação/mudança do mundo)} \end{array}$$

Apesar de o esquema separar os elementos, como escuta, diálogo, aprendizagem, desenvolvimento humano, educação/mudança do mundo, essa separação tem sentido didático, pois na prática esses itens estão relacionados entre si, em uma espécie de alquimia, a qual o diálogo favorece o aprendizado; parece razoável afirmar que não há diálogo sem uma escuta do outro. Sendo essa afirmação verdadeira, quem sabe não deveríamos iniciar os processos educativos pela escuta.

Como um exercício prático, apresentarei no capítulo seguinte experiências de aprendizagem, tanto do educador, quanto do educando. Aprendizagens construídas a partir da escuta e do diálogo. Tal exercício de análise permite compreender a importância do diálogo na construção de aprendizagens.

4 EXPERIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO ESCOLAR E NÃO ESCOLAR SOB A LUZ DO DIÁLOGO

Este capítulo tem como objetivo apresentar dois aspectos: o primeiro pretende descrever as práticas, vivências, experiências, sentimentos como educador e a segunda, a reflexão teórico-prática sobre elas. Pois bem, dentro disso esclareço o que me fez escolher as experiências e práticas aqui apresentadas.

Primeiramente, compreendo que investir em estudos relacionados à educação escolar é, além de uma opção política, uma obrigação do estudante que se forma num Curso de Pedagogia. Apesar da minha maior experiência ser em espaço não escolar, optei por olhar a escola e poder refletir sobre essa relação. Dados que chamam a atenção dizem de uma população de 48,5 milhões de jovens entre 15 e 29 anos, no Brasil. Destes, um pouco mais da metade, 25,2 milhões, não haviam concluído o ensino superior, nem frequentavam a escola, a Universidade ou qualquer outra instituição de ensino (IBGE-PNAD, 2017). Esse dado já demonstra a importância da discussão. Dentro das experiências que tive, optei por escolher a Modalidade da EJA (Educação de Jovens e Adultos), por ter realizado o meu estágio obrigatório do Curso de Pedagogia nessa modalidade.

A opção pelo espaço educativo não escolar foi óbvia. Mais do que uma opção, era um compromisso falar sobre um espaço onde trabalhei durante nove anos, atuando diretamente no acompanhamento de adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de prestação de serviços à comunidade, no PPSC/UFRGS. Foi nesse espaço que, como tantos outros estudantes, fui forjado educador. Um espaço que, além de trabalhar com ensino, extensão e pesquisa, o adolescente sempre esteve no centro do processo. Naturalmente assim tem voz no PPSC/UFRGS. Foi nesse espaço que aprendi a escutar o que ele diz, ainda que muitas vezes não seja muito simpático o que ele consegue expressar e, muitas vezes, nem é o que o educador deseja ouvir. Foi nesse espaço que qualifiquei a minha compreensão em relação ao respeito às diferenças, de enxergar o sujeito para além do estigma, para além do ato infracional. Nada é nada incomum, e isso acontece até os dias de hoje. De eu estar trabalhando há meses com um adolescente e escapar-me totalmente da memória o ato infracional cometido por ele; fato que provoca frenesi em quem não atua com os adolescentes,

pois em geral o que está em jogo é a responsabilização - afinal de contas, o que ele fez?

Entretanto, para além das justificativas levantadas, trazer questões da educação escolar e não escolar é também um ato político, pois demonstra que não existe uma dicotomia entre as duas e que, apesar de terem suas diferenças, o princípio educativo é claro.

5.1 A ESCOLA: refletindo sobre a realidade para construir aprendizagens

Como experiência de educação escolar, apresento a experiência estágio obrigatório, que durou um semestre, do Curso de licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Esse estágio foi realizado durante o segundo semestre de 2017, em uma escola municipal, em um bairro periférico da cidade de Porto Alegre. Durante esse processo, ocorreram duas ações políticas que influenciaram no planejamento do estágio. A primeira delas foi a suspensão, pelo governo municipal, do ingresso de novas matrículas na Modalidade do EJA. A proposta do governo era de que todos os alunos da modalidade ficassem lotados em uma única escola, na região central da cidade. Devido à resistência dos profissionais da educação, dos alunos e da própria inviabilidade da ação, a proposta foi cancelada na primeira semana das aulas. Entretanto, afastou alguns alunos que iriam se matricular. Outro fato foi uma greve dos professores que ocorreu durante a minha prática em sala de aula, que durou em torno de quarenta e cinco dias. Fato esse que também afastou muitos alunos que estavam frequentando a turma na qual eu era regente. Além dessas questões, o ambiente da EJA se mostrava dentro do padrão no qual a modalidade se configurou. Primeiro, a rotatividade dos alunos era muito grande, tendo iniciado o semestre com nove alunos na sala de aula, onde havia uma chamada com trinta e cinco alunos, e no final do semestre, ter somente cinco alunos. Sendo que havia alunos que ficavam por semanas sem aparecer. Além disso, havia aqueles que ingressavam a qualquer tempo. Alunos que tinham progressão de totalidade, ou seja, com exceção de um aluno, a cada aula, mudava a configuração da turma, e com

pessoas de idades e níveis de conhecimento diferentes, pessoas alfabetizadas e pessoas não alfabetizadas.

Diante dessa realidade, montei uma estratégia de aula e planejamento que desse conta desse contexto. Foi quando pensei e desenvolvi uma aula que começasse e terminasse no mesmo dia, em que, mesmo para aquele que estava ali pela primeira vez na aula, não se sentisse perdido. Ao final de cada aula, eu ia ao quadro e pedia que me dissessem o que tínhamos visto naquele dia. Todos registraram no caderno aquele resumo coletivo, para guardarmos o que ficou daquela aula. Nesse contexto, apoiado na experiência que tenho, oriunda da metodologia de trabalho do PPSC/UFRGS, era um compromisso apostar na escuta dos alunos para saber, quem eram eles, seus anseios e suas vontades e descobrir o que eles buscavam na escola. Para demonstrar isso na prática, escolhi dois alunos da escola, que considere bons exemplos na questão da escuta e do diálogo. A Bel escolhi porque, apesar de estar desde o início do ano matriculada na escola, ainda não sabia ler. O Diguinho, devido ao seu comportamento em sala de aula e que não era compreendido pelos professores.

4.1.1 Bel eo MC G15

Bel é uma jovem adulta de 21 anos, que estava na escola há mais de um ano. Era raro escutar a sua voz. Aos poucos, durante meu estágio, fui me aproximando dela e percebi que seu caderno chamava a atenção. Com uma boa caligrafia e uma boa organização, parecia que ela ia bem, apesar de não escutar a sua voz. Entretanto, um dia, em uma atividade que passei no quadro sobre multiplicação, percebi que Bel não conseguia resolver a questão. Foi algo que me intrigou, pois era uma multiplicação simples. Então, passei outra atividade de soma, e ela também não conseguia resolver. Eu já estava espantado. No momento, me ocorreu de pegar uma folha, picotada em diversas unidades, e averiguar ao menos se ela sabia contar um material concreto. Ela conseguiu contar e, com a ajuda desse material, resolveu a questão da soma. Vi ali o primeiro sorriso de quem tem êxito em uma tarefa. A partir desse evento, nós nos aproximamos, e trago o relato de uma dessas observações, nas quais tive o prazer de escutá-la.

Foi quando, numa tentativa de aproximação, pedi para olhar seu caderno e encontrei um caderno bonito e organizado, mas descobri que ela praticamente não sabia nem ler, nem escrever. Se mostrava organizada pela técnica da cópia. Comecei a escutá-la, indaguei-a se ela não lia nada em casa, e ela disse que não lia nada. Perguntei o que ela gostava de fazer. Ela me relata que gosta das “sociais” (festas que ocorrem na residência de algum conhecido) e que gosta muito de música. Então, perguntei para ela que música gostava. Ela me cita um MC de funk. Terminado nosso encontro, eu já sabia o que fazer na próxima aula.

No encontro seguinte, a primeira ação que tomo é entregar a letra de uma música do MC que ela havia me dito que gostava. Ela prontamente abre um sorriso, e seus olhos brilham tanto que até parecem lágrimas. Não sei se também não me deixei levar pela minha emoção ao ver a reação dela, e a mesma me diz: é o G15! Com olhar de satisfação. Talvez essa tenha sido a única leitura na escola que partiu como um desejo real dessa aluna, algo que ela realmente queria ler. Por vezes, se faz a crítica ao nível de leitura dos alunos, mas será que algum momento lhes foi alcançado algo que eles realmente tinham a vontade de ler? Será que alguma vez eles foram escutados? No final da aula, Bel tinha um pedido a me fazer: se podia levar a letra de música para casa. Isso foi a prova de que a minha ação tinha sido acertada.

4.1.2 Diguinho, sexo, drogas e Funk AndRoll

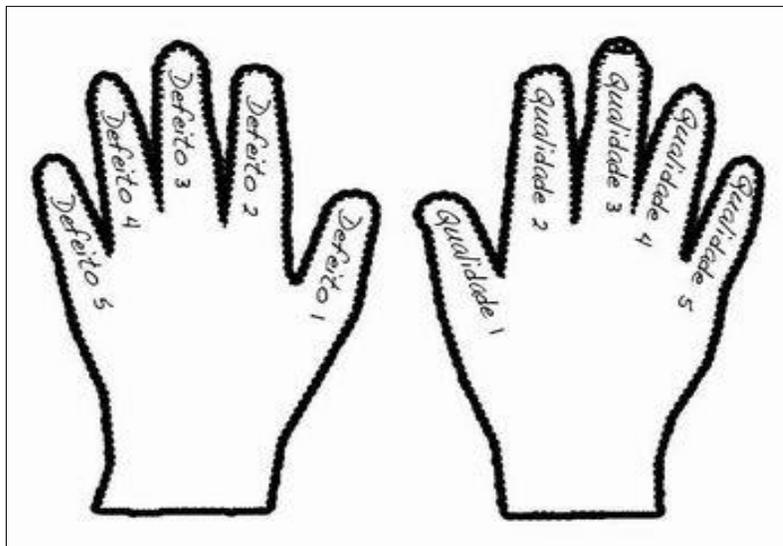
Diguinho é um adolescente de 16 anos, que tinha dificuldades de se organizar e permanecer na aula. Muitos na escola acreditavam que ele não queria “nada com nada”. Além de pouco assíduo em aula, ele tinha comportamentos que ninguém entendia, como perguntar se poderia ficar sem camisa em sala de aula. Isso aconteceu depois de um dia muito quente, no qual no intervalo de aula, Diguinho fumou maconha. Ele me relata o fato, que, em outro momento, comentei com a professora titular da turma. Ela se mostrou surpresa e disse que não sabia que ele usava drogas. Esse tema não havia chegado na escola. A partir disso, fiquei mais convicto de que ele deveria ser escutado. No período em que esteve comigo, sempre precisou falar bastante. As

questões que me recordo que trazia eram sobre sexualidade, igualdade de gênero e o uso de drogas.

E é pelo uso da droga que começa o meu processo de escuta e diálogo com Diguinho. Conseguimos ampliar nossas noções sobre o uso, de uma maneira não moralista, com indagações do tipo: porque usar? Que lugar a droga ocupa na minha vida e como ela ocupa diferentes lugares na vida de cada pessoa e em qual momento deve-se usá-la? Esse tipo de diálogo ajudou o aluno a perceber o quanto o uso de drogas, pouco tempo antes da aula, atrapalha seu rendimento. Isso nos aproximou, porque adquirir novos conhecimentos juntos aproxima as pessoas e fortalece uma relação de confiança que é tão necessária entre professor e aluno. Ele passou a confiar em mim e a me trazer outros assuntos que ele tinha dúvida, como: se era correto se relacionar com mais de uma mulher ao mesmo tempo. Esses assuntos passam longe da escola, e há quem defenda que eles devem seguir longe, que não é papel da escola e que a escola deve se preocupar com os conteúdos. Acredito na importância dos conteúdos, desde que sejam suportes para resolver as questões que cada aluno tem interesse, além de ampliar seu campo de conhecimento sobre si, sobre o mundo e sobre o outro.

Esses são exemplos práticos de diálogo de uma ordem de ação individual. A escuta e a empatia com o educando são importantes. Além de o educador se mostrar aberto ao diálogo, ele também pode planejar atividades que estimulem os adolescentes a dizer mais sobre si mesmo. Isso parece colaborar tanto para esse objetivo, como para o educando, que acaba refletindo sobre si. Uma das atividades que funcionaram para a escuta do aluno foi a atividade “cinco defeitos e cinco qualidades”, na qual cada aluno tinha como tarefa contornar sua própria mão e escrever uma qualidade e um defeito. O objetivo dessa tarefa é que eles se conhecessem melhor, dividissem com a turma um pouco sobre si. Durante o estágio, planejei um projeto de conhecer a cidade de Porto Alegre. Esse projeto tinha como proposta fazer um “zoom” ao contrário, ou seja, a proposta conhecer a si mesmo. O pressuposto era de que a pessoa, conhecendo melhor a si mesmo, pudesse favorecer o processo de conhecer outros espaços. A partir disso, escolhi a atividade “cinco qualidades e cinco defeitos”. A atividade foi inspirada no portal do professor, no site do ministério da educação, conforme figura abaixo:

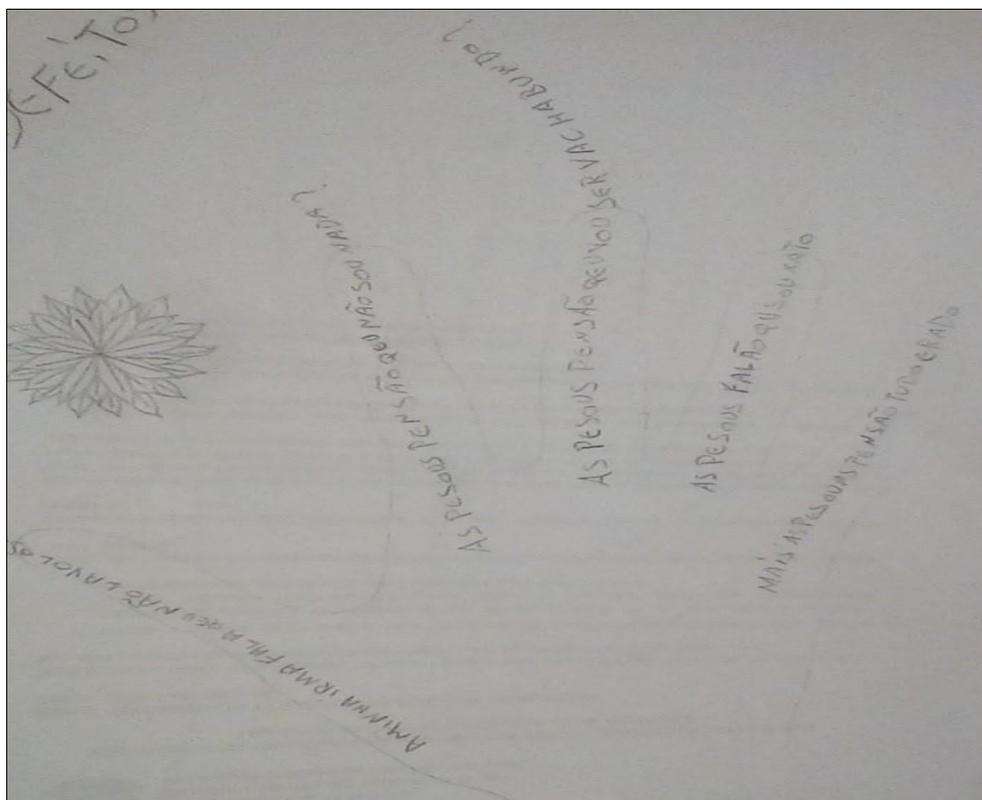
Figura 2 – Atividade “cinco qualidades e cinco defeitos”



Fonte: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=18646>

E, depois de aplicada em aula, trago esse exemplo:

Figura 3 – Atividade “cinco qualidades e cinco defeitos” aplicada em aula



Na imagem acima, está um exemplo aplicado durante o período de estágio na EJA. Apesar de ser indicado para o aluno colocar os defeitos que ele acredita ter, ele usou para expressar sobre a visão que ele acredita que as pessoas têm referente a ele. Ele mesmo se interroga quanto a isso, criando perguntas no lugar de afirmações: “As pessoas pensam que eu não sou nada?; “As pessoas pensam que eu vou ser vagabundo? ”; e no dedo mindinho, último dedo que escreveu, o mesmo sentenciou: “Mas as pessoas pensam tudo errado”.

Então, com essa atividade, foi possível realizar a escuta do aluno e promover um diálogo dele consigo mesmo, em que ele pode dizer o que acredita que as pessoas pensam dele e pode responder a essas pessoas, mesmo que elas não estivessem ali para escutar, que elas não têm razão sobre o que pensam. Além disso, foi possível trabalhar a escrita um conteúdo formal da escola, mas através da escrita de algo significativo, algo que o aluno queria dizer, tendo ele a liberdade de mudar um pouco a proposta do professor, mas ampliando o sentido e o objetivo que eu pretendia com essa atividade. Mais do que pensar em sobre como o mundo o vê, mais do que refletir sobre isso, ele elaborou uma resposta. A atividade alcançou e superou seus objetivos. Esse

não foi um exercício pronto e acabado, endereçado por um professor. Talvez seja por isso que Freire diz: “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens de educam entre si, mediatizados pelo mundo”.(FREIRE, 1987, p.39).

4.2 DAS EXPERIÊNCIAS NÃO ESCOLARES: nove anos no acompanhamento de adolescentes em conflito com a lei

Durante nove anos de trabalho no PPSC/UFRGS, o que mais fiz foi acompanhar adolescentes. O processo de escuta e diálogo com eles se mostrou essencial para o trabalho. O fato de podermos escutar os adolescentes parece nos aproximar deles e da verdade. Uma das metodologias utilizadas pelo PPSC/UFRGS, no acompanhamento dos adolescentes, é o FAZER COM. Metodologia adotada que pretende ter na relação educador e educando uma presença pedagógica contrária à lógica do encaminhamento, que pretende colocar no outro a responsabilidade sobre o sucesso ou insucesso da sua busca. Quando se muda a metodologia de trabalho, o encaminhamento pelo FAZER COM, percebe-se que a realidade é bem diferente do que se imagina. Recordo de certa vez que fui acompanhar um adolescente na Central de Vagas, da Secretaria Estadual de Educação do estado do Rio Grande do Sul. Ao sermos recebidos para saber que escolas havia vagas, a atendente começou a indagar o jovem do porquê de ele não ter seguido seus estudos, já que o estado dava tudo para ele. O jovem argumentava, dando suas razões, contando um pouco sobre seu percurso de vida, e a atendente não o escutava, seguia o mesmo discurso. Chegou um momento que tive que intervir e solicitar que ela se ocupasse tão somente de ver se havia a vaga. Saímos de lá com o encaminhamento para uma escola. Em outro momento, o mesmo jovem estava em outra situação. Ele e um outro educador foram barrados ao ingressar em um outro local. Usando da experiência e do diálogo que tivemos na situação anterior, o jovem comentou com o educador que, se eu tivesse junto naquele momento, eles teriam entrado. Isso me fez refletir sobre a importância do diálogo. O jovem aprendeu que, a partir de um diálogo e uma reflexão sobre um fato concreto, podemos reivindicar aquilo que entendemos ser um direito. E que, através da luta, impedimos que nossos direitos sejam tolhidos pelo autoritarismo ou até mesmo pela ignorância de outras pessoas. Isso tudo somente foi possível porque acompanhei esse jovem, fiz

junto com ele e não simplesmente fiz um encaminhamento. Caso não tivesse feito esse acompanhamento, provavelmente o jovem não teria conseguido a vaga e talvez pensasse que ele não tinha vontade de estudar. Foi no diálogo com ele, mediado pelo mundo, que me aproximei da verdade, assim como o Freire teorizou: o diálogo é a palavra verdadeira (FREIRE, 1987, p.44).

Esse diálogo mediado pelo mundo parece favorecer a ampliação da concepção de mundo que os adolescentes têm, e isso aparece nas palavras deles: “Aprende sobre coisas que jamais imaginei (estêncil) e conhecer gente nova. Não sou de conversar, mas foi bom ouvir”. (M.H.S.C, 17 anos). Com essas palavras, o adolescente faz uma avaliação no final de sua medida. Ele traz a aprendizagem em dois aspectos: um de cunho prático, em que ele ressalta que jamais havia imaginado trabalhar com estêncil; e outro, de cunho mais amplo e abstrato, que é o fato de conhecer pessoas novas. Além disso, ele parece destacar a importância da escuta com sua afirmação “foi bom ouvir”. A escuta o aproxima do diálogo, e esse diálogo parece ajudar os adolescentes a trilharem um novo caminho, “ter uma responsabilidade e um compromisso fez com que eu reorganizasse as minhas metas e pensamentos. E ainda ter uma experiência de trabalho num local sadio, fazendo também novos amigos”. (B.C, 17 anos). Então, parece ser interessante pensar que, quando uma pessoa diz que reorganizou suas metas, ela passou necessariamente por uma reflexão, porque, quando alguém reorganiza algo, lança um olhar sobre como estava organizado e pensa como poderá ficar organizado, para que um determinado objetivo seja alcançado, o que o adolescente na fala, trata como metas. É essa capacidade de suscitar o novo, de querer melhorar, de organizar o que já está pronto, que me fez escolher a metodologia do diálogo aportado em Freire. Para construir em conjunto com o educando novos significados para o mundo.

Antes eu tinha a cabeça fraca, não pensava. Aqui o cara... aqui a pessoa era uma pessoa diferente, sabe? Aqui era diferente, mas quando tu saía assim, tu voltava pra rua e era outra coisa. (Relato de um adolescente do PPSC).

Quando voltava para a “rua”, era outra coisa, diz o adolescente. Somente esse fato de ele não estar enxergando o mundo da mesma maneira já me parece algo que se deva comemorar. Mas, além de palavras os adolescentes com quem trabalhei me ensinaram também outras maneiras, e que, para eles, existiam dois mundos - o que

eles conheciam - onde moravam, onde relatam que somente se fala de tráfico, drogas, crimes, baile, maconha, alguns chegaram a classificar como “só coisa” ruim, e outro - que eles encontravam no PPSC/UFRGS, que eram possibilidades de escola, trabalho, constituir família. O desenho abaixo, produzido por um adolescente, parece demonstrar essa divisão.

Figura 4 – Desenho produzido por um adolescente



Esse desenho foi produzido em uma oficina socioeducativa, em que os adolescentes foram convidados a, de alguma forma, produzir algo que falasse sobre si. O adolescente parece demonstrar como sendo um coração, e um coração dividido, onde o lado esquerdo é uma realidade, e o direito é algo que ele ainda almeja alcançar. Quando indaguei a ele o sentido do desenho tive como resposta a divisão da vida entre coisas boas e ruins. O fato é que não é tão simples assim definir espaços como bons e ruins, como geralmente os adolescentes fazem, e nós fazemos também. Mas propiciar um ambiente onde se possa repensar a realidade que se está inserido e construir ou modificar a realidade parece ser algo apropriado para uma pedagogia que aposta nos conceitos de emancipação do sujeito. Recordo uma vez que conversávamos, eu e um jovem, sobre o trabalho dele no tráfico de drogas. Em um primeiro momento, ele não concebia o tráfico nem como um trabalho, ele se definia como sendo “vagabundo”, porém trabalhava doze horas por dia. Então questionei ele, dizendo que, de uma maneira geral, o trabalhador trabalha oito horas diárias, e tem algum direito trabalhista. Já no caso dele, ele trabalhava doze horas sem nenhum direito, além dos riscos de vida do trabalho. O que talvez pudesse configurar, além do trabalho, uma exploração maior do que muitos outros tipos de trabalho. Ao refletirmos sobre a realidade apresentada,

criou-se uma dúvida no adolescente, se o tráfico era tão vantajoso assim, ou, ao menos ao dialogar, passou a considerar também que há certos ônus do trabalho e, se a partir disso ele está disposto a arcar com esses ônus. Foi um diálogo de escuta do sujeito que parte da realidade dele mesmo e parece produzir mais conhecimento do que simplesmente teorizar sobre a questão, ou que produzir um discurso vazio, deslocado da realidade e ainda apoiado em uma dicotomia de bem e mal, ruim e bom, produzindo um discurso moralizante que talvez não contribua em nada para novas aprendizagens do sujeito.

4.3 REFLETINDO SOBRE A PRÁTICA

Nas experiências pedagógicas apresentadas, fica evidenciado o lugar central que o educando ocupa. Isso pode ser percebido pelos exemplos trazidos na experiência de educação escolar. Quando o educador traz a letra de música do Mc que a educanda havia comentado que gostava, ele demonstra que se importa com o que ela diz, mesmo que talvez ele não goste do estilo de música, mas não se trata do que ela gosta, mas do respeito a suas escolhas. Quando se traz a letra impressa, é uma ação de respeito à escolha da educanda, e ela responde a esse ato com um sorriso e um brilho no olhar, como se ela tivesse agradecendo duplamente: 1º obrigado por me escutar. 2º obrigado por adicionar um novo elemento no que eu havia trazido. Foi no diálogo que se aprofundou a conversa entre eles. Caso o educador tivesse ouvido a jovem e ignorado o que ela tinha dito, trazendo outro texto totalmente fora da realidade dessa jovem, é provável que ela não tivesse nenhum interesse no texto, e a relação entre educador e educando, seguiria como antes. O fato de saber que alguém te escuta te aproxima da pessoa, e é nessa interação que é humana, que se alimenta o processo educativo.

Nos demais exemplos citados, as discussões também partem do educando. Isso confirma sua centralidade no processo, ou seja, nem educador, nem os conteúdos, nem os objetivos devem ser colocados à frente do educando. Sendo assim, o processo de escuta do educando sempre se fez presente nas práticas. Outra questão apresentada é de que o educador não é detentor do saber e ele também precisa aprender, vai buscar em conjunto com o educando novos conhecimentos e diferentes maneiras de enxergar

o mundo, quando relatada a prática não escolar, onde o educador conversa com o educando sobre o tráfico, a partir do que o educando vivencia no seu dia a dia, tentando ampliar a discussão sobre outro aspecto, o aspecto do trabalho.

O que é apresentado nas experiências pedagógicas do texto é uma parceria de educador e educando, na qual ambos ampliam seus conhecimentos a partir do interesse do educando e, através de uma empatia, principalmente do educador, em que o objetivo é avançar sobre a compressão que temos sobre o que acontece no mundo, em vista da melhora do mesmo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, procurei fazer uma reflexão teórica sobre as experiências práticas em educação, que tive durante o curso de Licenciatura em Pedagogia, me utilizando da experiência na extensão universitária. Conforme normas do curso, “O TCC deverá ser resultado de reflexão que integre a construção teórica com as experiências adquiridas ao longo das práticas e do estágio obrigatório” (CEPE/UFRGS, Resolução 04/2004). Para tanto, escolhi como teórico Paulo Freire, pela reconhecida relevância de seu trabalho na área da educação, seja no Brasil ou no mundo, além de sua posição política em defesa da democracia e do bem-estar social, sempre apostando e amando o ser humano. Tendo Freire uma produção extensa e que jamais daria conta de trazer para este pequeno ensaio, escolho o conceito de diálogo para fundamentar a minha proposta de análise. Tal conceito se aplica diretamente em minha prática como educador, seja ela escolar ou não escolar. As experiências que trago são com pessoas excluídas socialmente, mas nunca desacreditadas por um educador que usa o diálogo em sua prática,

A fé nos homens é um dado a priori do diálogo. Por isto, existe antes mesmo de que ele se instale. O homem analógico tem fé nos homens antes de encontrar-se frente a frente com eles. Esta, contudo, não é uma ingênua fé. O homem dialógico, que é crítico, sabe que, se o poder de fazer, de criar, de transformar, é um poder dos homens, sabe também que podem eles, em situação concreta, alienados, ter este poder prejudicado. (FREIRE, 1987, p.46).

Mas para ter essa fé nas pessoas e para praticar o diálogo é preciso amor, “Se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não me é possível o diálogo”. “Não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há, amor que a infunda”. (FREIRE, 1987, p.46).

Negar o diálogo é negar algo que é da natureza humana. “Não há, por outro lado, diálogo, se não há humildade. A pronúncia do mundo, com que os homens o recriam permanentemente, não pode ser um ato arrogante” (FREIRE, 1987, p.46) e ninguém tem o direito de negar a humanidade de qualquer pessoa, ainda mais um educador que busca a evolução do educando, e essa evolução será facilitada, caso seja aceito, reconhecido e respeitado no que diz, em um gesto de honestidade e

simplicidade. Se não escuto, não tem como haver o diálogo. “Como posso dialogar, se me fecho à contribuição dos outros, que jamais reconheço, e até me sinto ofendido com ela? ” (FREIRE, 1987, p.46). É escutando ele que germino o sentimento de igualdade e relevância e amando-o que construímos uma relação sólida e verdadeira. “Ao fundar-se no amor, na humildade, na fé nos homens, o diálogo se faz uma relação horizontal, em que a confiança de um pólo no outro é consequência óbvia”. (FREIRE, 1987, p.46). A relação horizontal entre educador e educando que vai fortalecendo o vínculo. E parece que o conhecimento sobre o mundo vai ficando cada vez mais verdadeiro e significativo, e o educando não se sente mais como alguém distante do educador, e sim como um companheiro dele, que está construindo junto um novo mundo. “A confiança vai fazendo os sujeitos dialógicos cada vez mais companheiros na pronúncia do mundo.” (FREIRE, 1987 p.46).

A partir deste trabalho, considero que talvez um dos grandes desafios seja amar seu educando, e isso é algo que não parece ser fácil. O sentimento de empatia parece exigir um alto grau de inteligência. Penso que qualquer educador, de tempos em tempos, deveria parar um instante a sua prática e se perguntar: será que estou amando meu educando? Tendo o amor fortalecido a humanidade, o diálogo se estabelece, e as mudanças, as transformações no mundo podem florescer.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA IBGE NOTÍCIAS. **Mais de 25 milhões de jovens não estudavam em 2017.** Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/21256-mais-de-25-milhoes-de-jovens-nao-estudavam-em-2017.html>>. Acesso em: 15 jun. 2018.

ALVES, Rubem. **A Arte de Ouvir.** Disponível em: <<https://prisciladidone.webnode.com.br/news/a-arte-de-ouvir-rubem-alves/>>. Acesso em: 22 jun. 2018.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação.** Disponível em: <<http://www.febac.edu.br/site/images/biblioteca/livros/O%20Que%20e%20Educacao%20-%20Carlos%20Rodrigues%20Brandao.pdf>>. Acesso em: 06 abr. 18.

CRAIDY, Carmen Maria; GONÇALVES, Liana Lemos. **Medidas Sócio-Educativa da Repressão à Educação: a experiência do PPSC/UFRGS.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005. p. 166.

FONSECA, Tania Mara Galli; NASCIMENTO, Maria Lívia do; CleciMaraschin (Orgs.). **Pesquisar na diferença: um abecedário.** Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 261.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996. p. 165.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** São Paulo: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e Ousadia: o Cotidiano do Professor.** Tradução de Adriana Lopez. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços.** Porto Alegre: L7PM, 2003.

GAÚCHA ZH. **Raio X da Violência.** Disponível em: <<http://especiais.zh.clicrbs.com.br/especiais/raio-x-da-violencia>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. **Segunda edição do Vozes da Sociedade aborda juventude, educação e medidas socioeducativas.** Disponível em: <<https://estado.rs.gov.br/segunda-edicao-do-vozes-da-sociedade-aborda-juventude-educacao-e-medidas-socioeducativas>>. Acesso em: 25 mai. 2018.

MARIOTTI, Humberto. **Diálogo: um método de reflexão conjunta e observação compartilhada da experiência.** Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/46431275/Dialogo-um-metodo-de-reflexao-conjunta-e-observacao-compartilhada-da-experiencia>>. Acesso em: 27 jun. 2018.

PEDAGOGIA. **Normas**. Disponível em:
<<https://www.ufrgs.br/pedagogia/comgratedu/trabalho-de-conclusao-de-curso/normas/>>. Acesso em 15 jun. 2018.

PORTAL DO PROFESSOR. **Auto-conhecimento**: você se conhece? Disponível em:
<<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=18646>>. Acesso em:
12 dez. 2017.

SACRISTÁN, José Gimeno. O adulto constrói o menor e o aluno. In: _____. **O aluno como invenção**. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 11–24.

_____. O currículo como texto da experiência. Da qualidade de ensino à aprendizagem. In: _____. **A educação que ainda é possível**: ensaios sobre uma cultura para a educação. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 117–131.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. As origens da modalidade de currículo integrado. In: _____. **Globalização e interdisciplinariedade**: o currículo integrado. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. p. 9–23.

SANTOS, Karine et al (Org.). **Percursos com adolescentes**: PPSC 20 anos de histórias. Porto Alegre: Evangraf. p. 176.